

Enfermeiros: voltam a disparar pedidos de emigração

Segundo dados da Ordem, entraram em seis meses 2321 pedidos, quase tantos como em 2018. Condições de trabalho e uma nova carreira, que ficou aquém do desejado, podem explicar o aumento

Saúde Ana Maia

No primeiro semestre deste ano, 2321 enfermeiros pediram à ordem a declaração para efeitos de emigração, documento que permite que trabalhem noutro país. Foram quase tantos pedidos como em todo o ano passado. A diferença é de apenas 415, o que – a manter-se o ritmo registado até ao final de Junho – poderá transformar 2019 num ano recorde. Foi em 2014 que se registaram mais pedidos desde que começou a crise: 2814.

Depois de dois anos de acalmia – 2016 e 2017 – coincidentes com o início da actual governação, em que o número de pedidos de declaração desceu, 2018 voltou a mostrar a vontade de milhares de enfermeiros de deixarem o país. E a tendência é ainda mais marcada este ano. Como a comparação dos períodos homólogos mostra: 1451 pedidos feitos no primeiro semestre de 2018, ao passo que no primeiro semestre deste ano somam-se já 2321.

“É um número-recorde. E acabaram agora os cursos, havendo cerca de 3000 jovens enfermeiros que ainda não sabemos se ficam ou se tentam emigrar”, diz ao PÚBLICO a bastonária dos enfermeiros, que recorda que contabiliza a falta de 30 mil enfermeiros no sistema de saúde (público, privado e social). “O rácio da OCDE é de 9,2 enfermeiros por mil habitantes. A média do SNS é de 4,2 e a média do sistema de saúde é de 6,2 enfermeiros por mil habitantes. Há uma falta crónica de enfermeiros e não há contenção. Eles continuam a emigrar.”

Para Ana Rita Cavaco, há “dois factores muito importantes” que justificam a vontade crescente de muitos enfermeiros de deixarem o país para trabalhar: “Um é a agressividade e a forma como têm sido maltratados em Portugal por parte desta ministra da Saúde. Há um sentimento de

injustiça. Não nos vamos esquecer que a ministra chamou aos enfermeiros criminosos.”

O outro factor são as condições de trabalho e uma nova carreira que ficou muito aquém do que os enfermeiros desejavam. “Os enfermeiros trabalham 70 horas semanais, acumulam milhares de horas a mais, e perceberam que a carreira que era plausível sair acabou por ser uma mão cheia de nada”, diz, dando o exemplo da limitação a 25% de enfermeiros especializados.

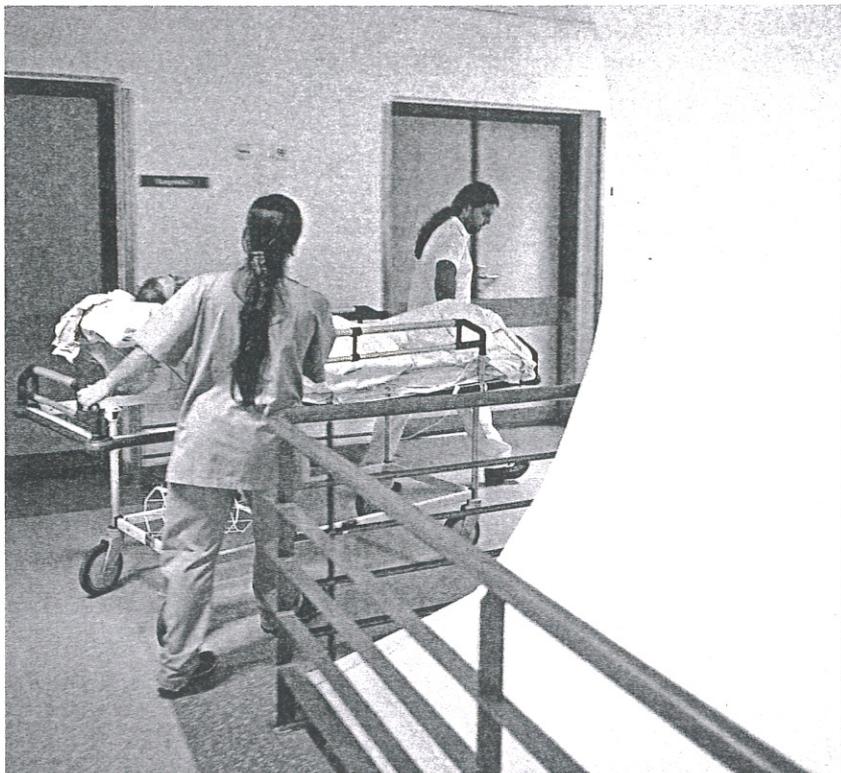
Expectativas goradas

“Aquilo que se conseguiu em negociação ficou muito aquém das expectativas e não é que estas fossem exageradas”, reforça Lúcia Leite. A presidente da Associação Sindical Portuguesa dos Enfermeiros (ASPE) assume que não se espanta se 2019 bater o recorde de pedidos de declaração para fins de emigração.

Lúcia Leite fala de profissionais com quatro e cinco anos de carreira que ainda estão em situações precárias de contratos a termo ou de substituição que olham para colegas com 20 anos de profissão que não saíram ainda da base da tabela salarial, que são 1200 euros brutos. “Os mais novos estão efectivamente a procurar outras possibilidades. Percebem que fora, e não muito longe, acabam por ter oportunidades de carreira e de chegar rapidamente a patamares de reconhecimento e remunerações tentadoras”, refere.

“Em 2017, houve uma acalmia [de pedidos de declaração] porque os enfermeiros acharam que valia a pena esperar. Hoje há a consciência de que não se resolveram os problemas”, afirma, referindo que a nova carreira “traz injustiças” que podem agravar ainda mais a situação. E o exterior é a alternativa, quando no Serviço Nacional de Saúde não se contrata e no privado e nas unidades de cuidados continuados os salários são baixos.

Também Guadalupe Simões, do



2014 foi o ano do pico da saída de enfermeiros do país: só nesse ano 2850 entregaram o pedido à Ordem



É um número-recorde. E acabaram agora os cursos, havendo cerca de 3000 jovens enfermeiros que não sabemos se ficam ou se querem emigrar

Ana Rita Cavaco
Bastonária da Ordem dos Enfermeiros

Sindicato dos Enfermeiros Portugueses (SEP), associa este aumento de pedidos de declaração às expectativas “completamente goradas” em relação à criação de uma nova carreira. “Na realidade, a única cedência do Governo às várias exigências dos enfermeiros foi a carreira hierarquizada com três categorias.” E que, diz, vão penalizar os enfermeiros especialistas que antes estavam na categoria de enfermeiro-principal e que vão passar a ganhar menos dinheiro.

Novos destinos

“Costumamos ir às escolas de Enfermagem no último ano de formação antes do ingresso no mercado e quando os questionamos se querem ficar ou ir para fora, ao contrário de há três anos, dizem que querem ficar.

Isso faz pressupor que os que estão a sair são enfermeiros que já têm anos de serviço. O que é muito preocupante”, alerta Guadalupe Simões. São estes enfermeiros mais experientes que acolhem e integram os que estão a começar nos serviços.

Quem quer sair, salienta a bastonária, “não são só recém-formados, mas também muitos especialistas”. E há quem partilhe o país de destino quando faz o pedido de declaração. Os principais continuam aparentemente a ser o Reino Unido, Suíça e Bélgica.

Mas há também muitos a “escolher mercados emergentes como o Dubai e a Arábia Saudita”, refere Ana Rita Cavaco, que acrescenta que estes países “procuram cada vez mais enfermeiros especialistas para ocuparem lugares de direcção de hospi-



Os enfermeiros pensaram: 'Aqui ninguém nos vai dar valor'

Paulo Marques
Enfermeiro e investigador



“A maior parte dos profissionais que saíram não pensa regressar”, diz investigador

Alexandra Campos

Paulo Marques acredita que a nova vaga de emigração resulta da desmotivação que se seguiu às greves “cirúrgicas”

Dos milhares de enfermeiros portugueses que emigraram nos últimos anos, empurrados pela crise económica e financeira e pela falta de emprego em Portugal, “muitos nunca mais vão regressar” a curto e médio prazo, afirma, convicto, o professor na Escola Superior de Enfermagem do Porto Paulo Marques, que compilou em livro as histórias de nove jovens que foram trabalhar para o estrangeiro nesses tempos difíceis. Nenhum destes, assegura, tenciona voltar no curto e médio prazo. E nem os “incentivos temporários” agora oferecidos pelo Governo português para estimular o retorno “serão suficientes” para os convencer, diz. “A maior parte dos enfermeiros que saíram não pensa regressar”, reforça.

No livro sintomaticamente intitulado *Fora da Zona de Conforto* (Cool-Books), Paulo Marques quis “dar voz” aos que emigraram durante o período “negro” da recessão económica, até para que o que aconteceu “não caia no esquecimento”, explica. Os enfermeiros, como outros portugueses, foram, em dado momento, “incentivados a sair da zona de conforto”, recorda. E responderam em massa: foram para o Reino Unido, para a Bélgica, para França, EUA, Suíça, Alemanha, Arábia Saudita. Termos enfermeiros “espalhados pelos quatro cantos” do mundo “denota uma vontade indomável de não-resignação, de capacidade de luta e superação e de resiliência”, sintetiza o enfermeiro e investigador do Cintesis (Centro de Investigação em Tecnologias e Serviços de Saúde) no prefácio da obra.

“O título do livro é um bocado agriço. Porque? Porque naquela época a zona de conforto era lá fora. Cá, as pessoas ou não tinham emprego ou, quando tinham, era indigno”, lembra. Os enfermeiros que entrevistou relatam, aliás, com muitos pormenores, a experiência do desemprego em Portugal, ou de ofertas de emprego por “três euros à hora”, ou ainda a necessidade de trabalhar em mais do que um sítio para poder sobreviver.

“A ideia que tenho é a de que muito poucos enfermeiros [daqueles que emigraram] regressaram, entretanto. A maior parte fica, porque as condições oferecidas são diametralmente opostas”, enfatiza Paulo Marques, que mantém o contacto com muitos dos colegas emigrados, alguns dos quais foram seus alunos.

Acredita que o aumento de pedidos de documentação para emigrar verificada entre Janeiro e Junho se pode ficar a dever à “desmotivação” que se seguiu ao período das polémicas greves “cirúrgicas” dos enfermeiros, no final de 2018 e princípio deste ano. “No final [das greves], atribuíram um subsídio de 150 euros aos enfermeiros-especialistas, um absurdo”, lamenta. “Os enfermeiros achavam que iam ter algum apoio das pessoas, mas a opinião pública ficou um bocado contra devido às manobras políticas. E os enfermeiros sentiram que não valeu a pena, alguns desistiram. Pensaram: ‘Se calhar mais vale ir para outros sítios onde reconhecerão o nosso trabalho. Aqui nunca nos vão dar valor.’”

No estrangeiro, apesar das dificuldades de integração, é tudo muito diferente: “Primeiro, as entidades empregadoras pagam, elas próprias a formação dos enfermeiros, dão-lhes dispensa [para poderem fazer formação]”, compara. “E não é só uma questão de dinheiro que está em causa.” É, acrescenta, “o reconhecimento do valor social da profissão, a ajudar à progressão na carreira”.

Dá o exemplo do jovem enfermeiro que foi para a Bélgica, Michael Dias: “Quando terminou a formação, deram-lhe um cheque para gastar na FNAC e colocaram-no logo num patamar superior.” O contrário do que acontece em Portugal, onde “os enfermeiros fazem formações pagas do seu próprio bolso que, depois, não têm qualquer reflexo em termos de progressão, de reconhecimento”. “Isso deixa as pessoas tristes. Hoje há uma desmotivação enorme”, lamenta.

O investigador não acredita que tenham saído 18 mil enfermeiros, porque nem todos os pedidos se concretizam. Já se emigra para EUA, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos

Sem acreditar que serão 18 mil os profissionais emigrados, como refere a Ordem dos Enfermeiros – porque há quem peça a documentação para sair e depois desista e porque alguns não se adaptam e regressam entretanto, sem que isso seja contabilizado – o investigador não deixa de frisar, porém, que as agências e as empresas continuam a vir a Portugal recrutar enfermeiros porque aqui a “formação é de altíssima qualidade”.

Mas nem tudo são rosas, como se percebe pelas nove histórias dos jovens enfermeiros que se aventuraram por vários países da Europa e não só – alguns foram para os EUA, para a Arábia Saudita e para os Emirados Árabes Unidos. Se a saída é fácil, a adaptação revela-se mais complicada, sobretudo devido à burocracia inerente à legalização nos países para onde vão trabalhar, e também à questão da língua. “Muitos vão já praticamente com tudo assegurado pelas empresas de recrutamento. Mas depois têm que se adaptar a uma nova realidade cultural, além da língua, e não têm bases de apoio”, observa. E se um ou outro foi com um grupo de amigos, “muitos foram isolados, à aventura”, explica.

O lado mais sombrio da emigração são “alguns casos de racismo”, que não é especificamente dirigido aos portugueses, mas aos estrangeiros em geral. “Isso é perturbador.”

“Lá fora há carreiras dignas e diferenciação no pagamento de cuidados generalistas e especializados e os hospitais pagam a formação”, aponta a bastonária, referindo que a forma de reverter a intenção dos profissionais em deixar o país “é o Governo convencer-se de que tem de tratar bem os enfermeiros e que estes têm de ter o reconhecimento do seu trabalho”.

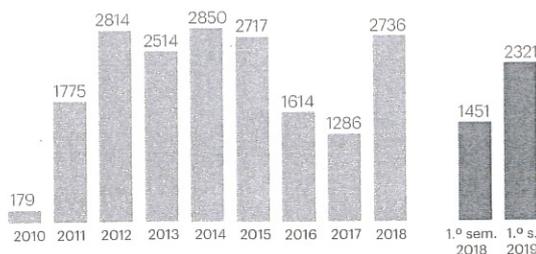
tais e serviços de enfermagem”.

Lúcia Leite, da ASPE, reforça: “Os enfermeiros são acarinhados pelas pessoas que os recebem. E têm propostas quase irrecusáveis, com valores muito mais do dobro do vencimento que recebem em Portugal. Se for no Dubai ou Arábia Saudita, são de 4000 euros para cima.”

“Lá fora há carreiras dignas e diferenciação no pagamento de cuidados generalistas e especializados e os hospitais pagam a formação”, aponta a bastonária, referindo que a forma de reverter a intenção dos profissionais em deixar o país “é o Governo convencer-se de que tem de tratar bem os enfermeiros e que estes têm de ter o reconhecimento do seu trabalho”.

amaia@publico.pt

Pedidos de declaração para efeitos de emigração



Fonte: Ordem dos Enfermeiros

PUBLICO

acampos@publico.pt